

AMARANTE

(Freixo de Baixo)

A igreja do Divino Salvador localiza-se na freguesia do Freixo de Baixo, a noroeste da sede de concelho, Amarante (distrito do Porto), de onde dista cerca de 7 km. Tendo como referência a ponte de São Gonçalo, no centro da cidade, posicionar-se na margem direita do Tâmega. Dirigindo através da rua Cândido dos Reis, até à EN412, entrar na EN15, no sentido de Vila Real. Continuar durante cerca de 3 km, até ao cruzamento do CM1202, à esquerda. Aí, dirigir por mais 3 km, no termo dos quais a igreja irá surgir à esquerda, num baixo, junto à via.

A igreja do Divino Salvador, juntamente com as demais estruturas que compunham o antigo complexo monástico, encontra-se implantada no extremo de um pequeno vale que se alonga a nascente e a sul em declive, junto a um pequeno curso de água que drena das colinas em redor, correndo paralelo ao lado sul do templo, a algumas centenas de metros dos modestos núcleos de povoamento que integram a freguesia do Freixo de Baixo. Marcado por campos, socialcos e algumas casas agrícolas, este espaço caracteriza-se pela sua feição rural, economicamente potenciada pelo facto de o atravessar a via pedestre que fazia a ligação do Minho a Trás-os-Montes, como notam Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, aludindo ao testemunho do padre Manuel Teixeira Barbosa, pároco da igreja em 1758.

Mosteiro do Divino Salvador

A EXISTÊNCIA DE UMA COMUNIDADE MONÁSTICA, em Freixo de Baixo, encontra-se já assinalada em 1090. José Marques confirma-o nos seus estudos sobre o

monacato bracarense, no período da Reconquista, a que Domingos Moreira acrescenta notícia da disputa que em 1091 lavrava entre D. Gontina Eriz e os monges de São



*Perspetiva
aérea do leste*

Pedro de Arouca, em torno do eclesiástico da igreja de Santo Estevão de Moldes. Devem ser igualmente destacadas as referências dos memorialistas dos séculos XVII e XVIII: o padre Carvalho da Costa, aludindo à fundação daquela comunidade em torno do ano 1110, pela mulher de Egas Hermígio, o Bravo, D. Gotinha – naturalmente, a D. Gontina da contenda atrás referida –, frei Nicolau de Santa Maria, evocando um breve do Papa Calisto II, de 1120, em favor do bispo do Porto, D. Hugo, através do qual se confirma a existência, àquela data, da dita comunidade monástica. No entanto, a ideia, segundo a qual, na sequência da sua fundação, pela dita senhora, o mosteiro teria sido confiado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, deve ser analisada de um modo crítico: como esta confissão só entra em Portugal em torno de 1130, outra regra deverá ter informado o modo da comunidade, durante os seus primeiros anos.

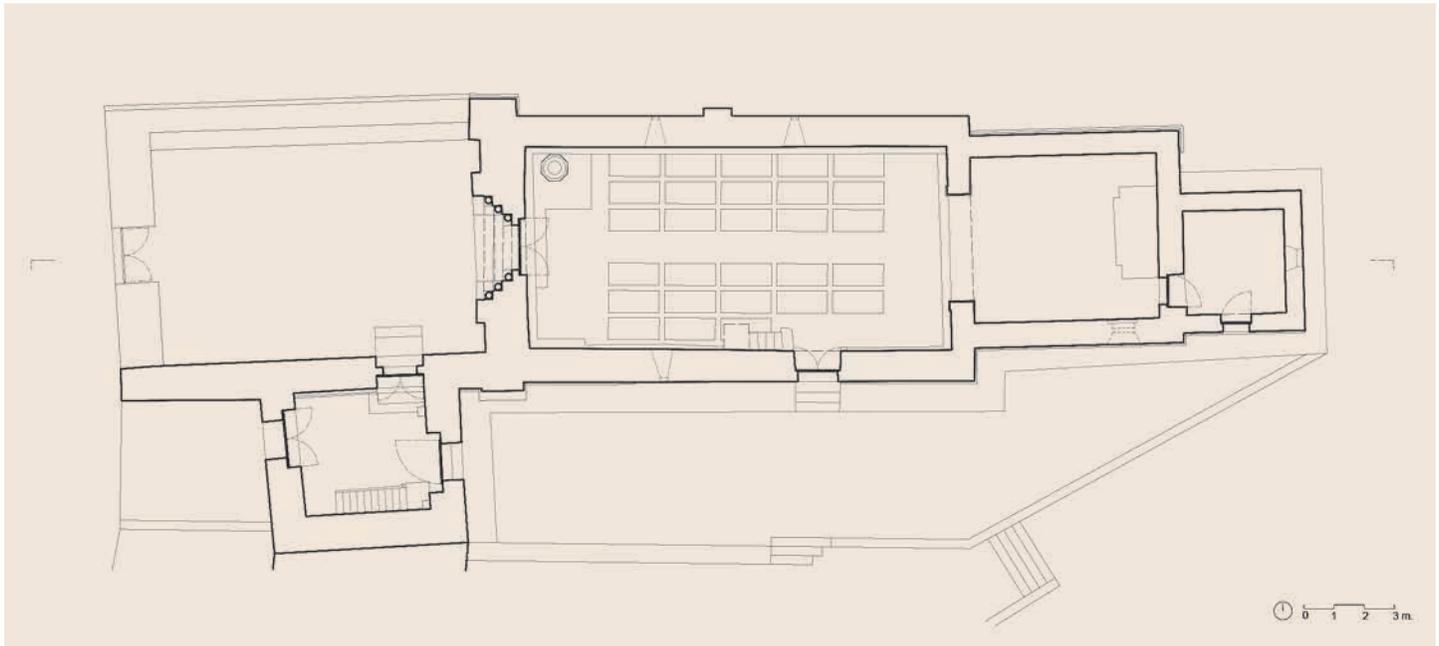
Para além destes dados, pouco se sabe acerca da instituição, no decurso da idade média. O seu nome vem referido nas inquirições dos séculos XIII e XIV, figurando igualmente no Catálogo das igrejas, elaborado em 1320-1321, com o propósito de determinar as taxas que os institutos eclesiásticos haviam de pagar com vista ao suprimento das despesas da guerra contra os mouros: o mosteiro pertencia

ao arcebispado de Braga, sendo-lhe imposto o pagamento de 400 libras, valor de alguma monta, apesar de ficar longe das 1800 determinadas para a casa de Travanca, mais em conformidade com as 550 libras com que a vizinha comunidade de Ancede foi taxada. A instituição detinha, por essa época, as jurisdições cíveis e criminais nos termos dos julgados de Santa Cruz de Ribatâmega e Celorico de Basto. Com efeito, alguns anos mais tarde, em janeiro de 1337, segundo se extrai da Chancelaria de D. Afonso IV, as justiças régias andam em demanda com o prior e o convento do mosteiro de (...) *freixeo da par d amarante* (...), em torno do referido direito, não obstante as alegações de Bento Domingues, cónego regrante da dita casa, que se estriba na antiguidade, pública e pacífica, daquela situação, a qual, afirma, durava (...) *per dez, uijnte trijnta quarenta Cinqüenta Anos e demais per tanto tempo que o acordo e memoria dos homens nom be en contrairo* (...).

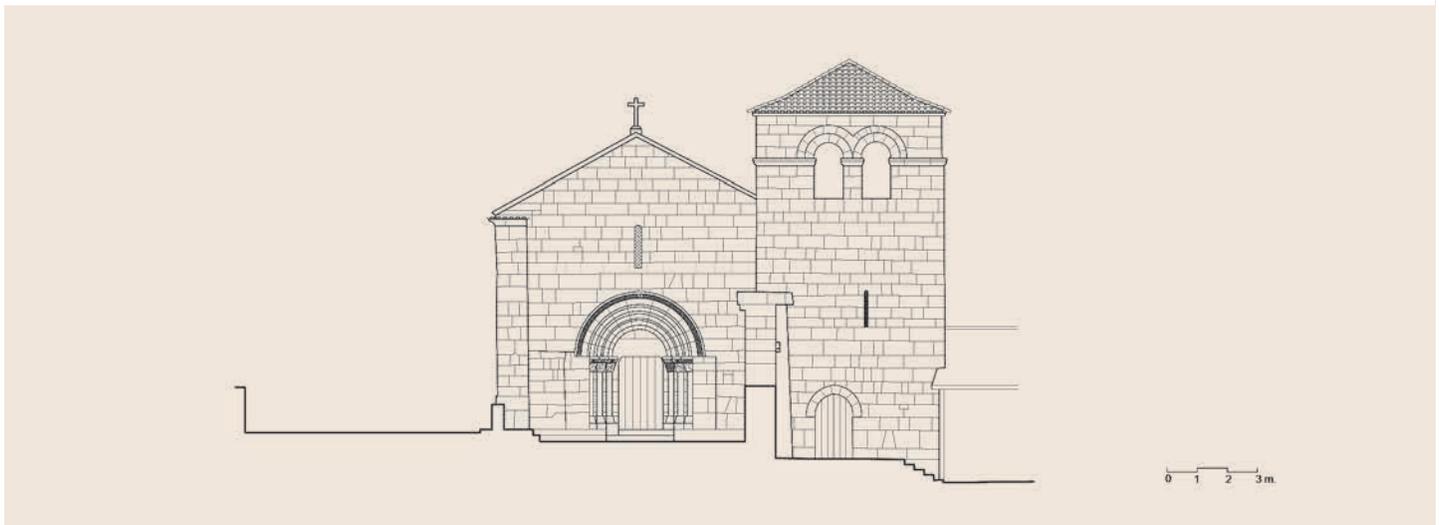
A igreja é composta por cabeceira quadrangular e corpo de nave única. As duas estruturas apresentam-se em cobertura de duas águas, sendo a primeira mais baixa e estreita que a segunda, em conformidade com a solução de escalonamento volumétrico que se verifica em muitos outros templos do mesmo período, que existem na região. Adossada à cabeceira, a nascente, assinale-se



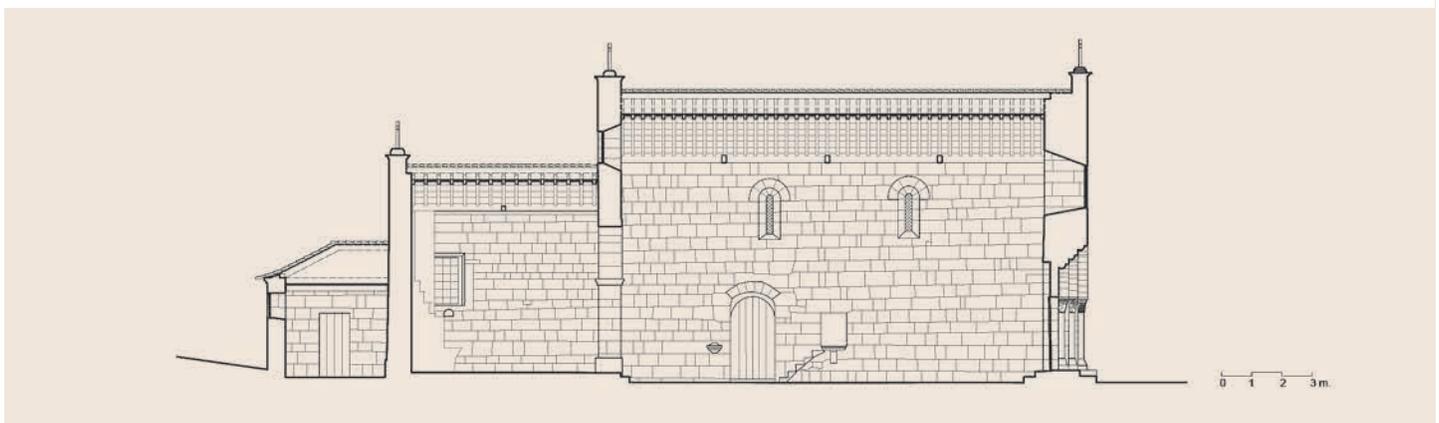
Perspetiva geral da igreja a partir do lado noroeste



Planta



Alçado poente



Corte longitudinal



Muro exterior da igreja, lado sul, com inscrição funerária do prior D. Afonso



Inscrição ilegível no exterior do muro do lado sul



Arca tumular antropomórfica e tampa com cruz orbicular. Lado sul

a existência de uma estrutura quadrangular levantada na época moderna, com o propósito de cumprir as funções de sacristia.

À semelhança do que se verifica em muitos outros templos de fábrica medieval existentes na região, a igreja do Freixo de Baixo foi objeto de profundas transformações no decurso da época moderna, obras que alteraram parcialmente a nave e obrigaram à reconstrução da capela-mor, fazendo com que, da primitiva estrutura, apenas restem a fachada ocidental e as fundações da galilé, às quais se deve acrescentar, a sul, as estruturas remanescentes do antigo claustro e, junto destes, a torre sineira, de forma quadrangular.

A capela-mor sofreu grandes mudanças na época moderna. No que concerne à parte medieval, verifica-se que os muros se encontram assentes sobre um embasamento saliente, composto por duas fiadas de silhares. O aparelho é pseudo-isódomo, solução que, no entanto, se limita à parte inferior das paredes, até cerca de 1/3 da altura. Aci-

ma deste nível, o alinhamento apresenta-se irregular, fruto de uma intervenção que se traduziu na abertura, na parede do lado sul, durante os séculos XVII ou XVIII, de um janelão retangular. O muro do lado oposto, a norte, apresenta-se cego, sem aberturas, o mesmo sucedendo do lado de nascente, onde a única abertura corresponde à porta, do lado direito, que permite o acesso à sacristia.

Quanto ao corpo da igreja e à semelhança do que se verifica na parte medieval dos muros da *ousia*, o aparelho do alçado do lado sul obedece igualmente ao modelo pseudo-isódomo, sendo constituído por fiadas regulares de silhares de comprimentos variáveis e assentando sobre um embasamento de dois ou três níveis, em função da topografia. Quatro degraus dão acesso a um portal rematado por arco de volta perfeita, por cima do qual se abre uma das duas pequenas frestas de iluminação que rasgam a parede. De linguagem medieval, estas frestas são idênticas e em igual número às que existem do lado norte, onde, para além delas, o único elemento que se destaca no paramento, consiste no volume de um contraforte que se eleva a meia-altura e o secciona em duas metades.

Em relação ao alçado sul e ao respetivo portal, refira-se a existência, na terceira fiada de silhares que corre acima da sapata, de um bloco epigrafado onde se pode ler:

AQ(u)I : IAZ : O PRIOR : / : DOM : AFONSO : / : Q(u)E : SE
[passou?] NA / Era : M : CCCC : X : V : II

Trata-se da inscrição funerária do prior D. Afonso, que faleceu em 1379. Mário Barroca sublinha o facto de a epígrafe se encontrar em mau estado de conservação, facto que prejudica a leitura, situação igualmente constatada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Isto não compromete, no entanto, a compreensão do seu conteúdo, sendo nele evidentes os nomes do prior, D. Afonso, e o ano da respe-



Portal axial

tiva morte, 1379. Mário Barroca destaca o carácter modesto do letreiro, possivelmente, esculpido, com o silhar no local e posição onde hoje se apresenta. O autor chama a atenção, também, para o facto de o lugar onde o referido bloco se situa, se encontrar, na idade média, voltado para o claustro do mosteiro, devendo ter sido ali que o prior recebeu sepultura. O claustro ainda existia em 1726, quando Francisco Craesbeeck passou pelo local. Da descrição deixada pelo memorialista constam algumas das suas medidas: (...) *da banda do Sul, cem palmos em quadra e quatorze em largo, no passeio, e da banda do nascente, cinco arcos muito antigos, e do sul casas de residência, e junto à igreja huma torre de 50 palmos de alto e 24 em quadra, e ao pé, hum arco com uma sepultura dentro delle.* Do referido arco não restam vestígios. É de notar, porém, junto à parede do corpo da igreja, do lado sul, a existência de um sarcófago granítico com cavidade antropomórfica, mais a respetiva tampa, com cruz orbicular inscrita.

As notas de Craesbeeck sobre a torre coincidem com a imagem que dela persiste: a de uma estrutura de planta



Portal axial. Capitéis do lado norte



Portal axial. Capitéis do lado sul

retangular, maciça, composta por dois registos e rematada por cobertura em telhado de quatro águas. Os seus muros são constituídos por fiadas de silhares graníticos, de alturas semelhantes, dando origem a uma estrutura proporcionada e equilibrada que se eleva ao nível da empena da igreja, dominando o espaço da antiga galilé. Com efeito, a volumetria que a caracteriza faz com que se destaque no conjunto das construções que compõem o edificado, constituindo a sua marca de identidade, ao mesmo tempo que a faz impor-se como sinal de dominação senhorial, à imagem das congéneres que existem na região, em Cete, Mancelos, Manhente ou Travanca. Carlos Alberto Ferreira de Almeida destaca o seu pendor arcaizante, sublinhando tratar-se de uma das suas características principais.

Ao nível térreo, a torre apresenta três pontos de acesso: voltado a nascente, o primeiro, permitia a passagem ao espaço do antigo claustro; o segundo confina com o portal axial da igreja e chega-se até ele a partir da galilé; o terceiro apresenta-se a poente e era através dele que se acedia



Interior. Perspetiva da nave e ousia a partir do lado ocidental

ao exterior. Por cima do portal que confina com o lado sul da igreja, voltado a nascente, para o lado do antigo claustro, três mísulas emergem do muro, testemunhando a existência de uma antiga estrutura alpendrada. Analisando o conjunto, da esquerda para a direita, constata-se que a primeira peça apresenta esculpida uma forma cilíndrica que se assemelha a um barril, a segunda encontra-se danificada, não sendo possível dizer como seria, a terceira parece incorporar um objeto em forma de cesto sendo, no entanto, de difícil leitura. Junto daquele, emergindo do muro da torre e confinante com a parede sul da igreja, dois blocos cuidadosamente talhados, um mostrando uma cruz numa das faces, outro um motivo esculpido em forma de serra, revelam o reaproveitamento de materiais de uma antiga estrutura.

No que respeita ao registo superior da torre, em cada um dos quatro lados, dois arcos de volta perfeita destinados a albergar os sinos. Além disso, a torre é lateralmente percorrida por um friso duplo, atravessado por um sulco, que nasce das impostas dos arcos. Nas paredes voltadas a

nascente e poente, respetivamente, uma fresta estreita, em arco de volta perfeita, ilumina o interior da estrutura.

Da antiga galilé restam os fundamentos, constituídos por um muro quadrangular composto por quatro fiadas regulares de silhares, que se prolonga de nascente a poente e hoje coincide com o adro.

A fachada principal da igreja apresenta-se simples, de empena triangular, rematada por cruz granítica. Merece destaque o portal oeste em cuja vertical, ao centro, se abre uma pequena fresta, estreita, de arco de volta perfeita. Dois possantes cunhais erguem-se lateralmente, reforçando a estrutura.

O portal é de três arquivoltas, de arco quase perfeito, assentes sobre capitéis e colunelos de fuste cilíndrico e liso, isentos de decoração. As arquivoltas são envolvidas por arco sobrepujado por friso onde figuram círculos encaixados, repetindo o motivo representado nas impostas. As arestas, ligeiramente chanfradas, são animadas por toros diédricos. O tímpano não se apresenta esculpido, sendo composto por três peças. Os motivos inscritos nos capi-

téis são de boa execução, pese alguma deterioração que apresentam, em consequência da exposição aos elementos, eventualmente agravada pelo carácter mais frágil da matéria-prima. Consistem em animais afrontados, elementos vegetais e encanastrados semelhantes aos que ocorrem na paroquial de São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira) e em Paço de Sousa (Penafiel), como nota Reinaldo dos Santos. Acrescente-se que os toros diédricos constituem uma solução que poderá ser proveniente da sé do Porto, onde se assume como forma tipicamente românica, sendo acolhida em várias empreitadas que tiveram lugar nos vales do Tâmega e do Sousa – nomeadamente em São Salvador de Travanca (Amarante), Fandinhães (Marco de Canavezes) e Cabeça Santa (Penafiel).

O interior da igreja é composto por dois espaços perfeitamente delimitados, nave única e *ousia*. A espacialidade apresenta uma leitura marcadamente longitudinal. A capela-mor foi profundamente transformada no decurso da época moderna. Da antiga estrutura medieval pouco chegou ao presente, salvo uma parte dos muros e alicerces. A parede fundeira foi rasgada para receber uma porta de acesso à sacristia, que entretanto foi acrescentada, e a parede do lado sul, para acolher um grande janelão retangular. A cobertura é de madeira.

Um arco triunfal, de volta perfeita, separa a *ousia* do corpo da igreja. Trata-se de um objeto que foi profundamente intervencionado na época moderna, possivelmente no decurso dos séculos XVI ou XVII, como se pode confirmar pelas marcas de gosto clássico que evidencia. Sobre o arco, uma fresta definida por arco de volta perfeita.

Na nave, na parede do lado da Epístola, entre o púlpito e o portal principal, à mão direita de quem entra, observa-se uma *Adoração dos Reis Magos*, pintura a fresco destacada em painel móvel por ocasião do restauro ocorrido na década de 50 do século XX, por iniciativa da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) cuja autoria, Luís Urbano Afonso, tende a atribuir ao dito "Mestre de 1510".

Na extremidade da nave do lado do Evangelho, junto do portal oeste, a pia batismal. Trata-se de um objeto pétreo, de forma sextavada, assente sobre coluna de fuste truncado com base, monolítica, de feição tardo-medieval.

Não obstante a instituição da comunidade monástica remontar a finais do século XI, o levantamento das estruturas que hoje existem – muito transformadas durante a época moderna – é mais tardio. Carlos Alberto Ferreira de Almeida defende que a igreja terá começado a ser erguida, ainda, no decurso do século XII sendo, a sua conclusão, dos primeiros anos do século XIII. A implantação e o modo como o conjunto se articulava com a envolvente devem ser



Interior. Painel com fresco da Adoração dos Reis Magos. Parede do lado sul

destacados quando se observa a igreja do Divino Salvador do Freixo de Baixo: instituído numa época de definição de poderes e espaços, o mosteiro contribuiu para a construção da paisagem, oferecendo o vislumbre de uma realidade senhorial que se encontra materializada na sua robusta torre sineira. A análise desta estrutura sugere que poderá ter sido erguida a partir de uma construção pré-existente, possivelmente, uma capela funerária como a que existe em Ansiães, adossada à igreja de São Salvador, cujo corpo deverá corresponder ao primeiro registo do edifício, sobre o qual foi levantado o segundo, conferindo-lhe o carácter que hoje apresenta. Em abono desta hipótese, assinale-se que o muro do registo inferior, confinante com a galilé (parede norte), se prolonga para lá da vertical do registo superior, a poente e a nascente, onde confina com o corpo da igreja. Por outro lado é de assinalar o facto de os aparelhos dos dois registos se apresentarem sensivelmente diferentes verificando-se, no primeiro, a ocorrência de silhares de maior dimensão que no segundo. Finalmente, cumpre assinalar a existência, no remate desta parede, do lado

norte, de uma cornija suportada por cachorrada abundante e diferenciada, como se da parede lateral de uma capela se tratasse. Coerente com esta perspetiva e passando ao interior da torre, verifica-se que o arco da porta que se abre nesta mesma parede se apresenta parcialmente obstruído pelo muro do lado nascente, facto que indicia, com forte certeza, um ato de construção mais recente.

Considerando os dados apresentados deve ser admitida a possibilidade de ali poder ter existido, anteriormente, uma estrutura de um só registo, possivelmente um espaço funerário destinado a albergar as sepulturas dos padroeiros.

Texto: MC - Fotos: RR/MLB - Planos: GM/MS/NB
(sobre DRCN/RR/JC/IN/RC)

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, pp. 346-350; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, pp. 223-224; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 101; ALMEIDA, C.A.F., 2001, I, pp. 123-124; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 104; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 661 (de 1379); CHANC. AF. IV, II, n.º 78 (de 1337); COSTA, A.C., 1706-12, p. 148; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, p. 359; MARQUES, J., 1988, pp. 610 e 669; MOREIRA, D.A., 1984, pp. 84-85; PMH, DC, doc. n.º 746 (de 1091); ROSAS, L.M.C., 2008, p. 364; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, I, pp. 259-275; SANTA MARIA, N., 1668, p. 326; SANTOS, R., 1955, p. 92.